

RECITAL ISAURA GARRIGA

OUVINDO Isaura Garriga (no Ateneu em 30 de Janeiro), lamentámos talvez um pouco a escolha do programa que não permitiu à artista demonstrar inteiramente as suas qualidades de soprano, tendentes mais à *profundidade* do que à elasticidade virtuose e não-problemática, exigida por um assunto tão delicado como as ternas «variações de concêrto» (Mozart) e a ironia graciosa da Cavatina da Rosina (Barbiere di Siviglia, Rossini). Quanto a esta última, parece-nos que Isaura Garriga deu demasiada importância aos agudos — aliás perfeitamente modulados e mantidos — de tal modo que o recitativo e a própria ária sofreram com isso. Julgamos mais estar no espírito do compositor uma interpretação em que *um desenvolvimento natural preprare e justifique a necessidade destes efeitos finais*, a fim de os concebermos como um simples *sublinhado* do que o recitativo e a ária tão delicadamente nos contam: por assim dizer, como uma espécie de *pontos de exclamação*, que pertençam inegavelmente às passagens que as condicionam, e não como fases independentes, destacadas do conjunto do canto. Isaura Garriga revelou toda a beleza e potência do seu órgão vocal nos cantos descritivos (Saint-Saëns, Rossignol, Granados: el majó discreto), nas variações romanescas — arte de estilo (Proch) — e nas canções portuguesas, das quais aprovamos sobretudo uma, muito subtil, de tendência impressionista (Alice Fernandes). Concluindo: somos de opinião que o verdadeiro domínio de Isaura Garriga é, não o século XVIII, mas o *lied* e a grande ópera, e ficaríamos muito gratos se um dia nos proporcionassem ensino de apreciar o volume espantoso desta voz aplicado a um assunto mais grato e de adaptação mais favorável. O público demonstrou a sua inteira satisfação aplaudindo generosamente e obrigou a cantora a repetir a cavatina, o que prova até certo ponto que a sessão teve bom êxito.

Kurt Weinberg.

O CONCÊRTO DE MADALENA
E HELENA MOREIRA DE SÁ E COSTA

São, na verdade, duas excelsas artistas as gentilíssimas filhas do pianista Luiz Costa, como o vêm demonstrando os concêrtoes que elas têm realizado, o último dos quais, no S. João, constituiu, há pouco, um acontecimento de invulgar categoria artística.

De grande emotividade, delicada vibratibilidade feminina, técnica perfeita, o seu concêrto foi vivido num sonho de Arte, num ambiente de pura Beleza espiritual.

Madalena Moreira de Sá e Costa confirmou, ao piano, a sua virtuosidade, mostrando que os progressos técnicos que vai adquirindo em perfeita escala ascensional, aliados à sua rara intuição artística, farão dela amanhã uma grande artista da nossa terra. Começou por interpretar as *Variações sinfónicas de César Franck*, o mestre austero das novas harmonias, depois a *Sonata em si bemol de Mozart*, e *Estudos do génio extranho e romântico de Chopin*. Como música impressionista executou a composição de *Gick-Mangiagalli, Danse d'Olaf*,

... et c'était

*Olaf, le roi des Elfes, qui dansait
parmi le tourbillon des feu-follets;*

Clair de lune, feita por Debussy de luar e sonho; e *Humoresque* onde o compositor finlandês Palmgren, desconhecido entre nós, põe o ritmo extranho e brusco do seu riso. Finalizou com *Brahms*, o húngaro nostálgico das danças e planícies da sua terra.

Helena Moreira de Sá e Costa acusa mais estatismo nos progressos que sua irmã. O seu programa, formado por *Bach, Nardini, Rameau, Ravel e Popper*, não tendo as dificuldades técnicas do primeiro e sendo de mais transigência com o público, foi contudo executado ao violoncelo com mimo e requintes de artista.

Este belo concêrto, de tão gratas recordações espirituais, faz-nos pensar um pouco na resolução dum problema que há muito nos preocupa: a vulgarização da Arte. De facto, já pelos seus preços, já pelo ambiente em que decorren, este concêrto não foi para o grande público. Quere dizer que tantos espíritos que por aí há com intuições artísticas aproveitáveis, tantas almas de sonho que se embalariam na Arte divina dos génios, não podem ouvir concêrtoes como este... Que as duas gentis artistas e outras grandes artistas da nossa terra, pensem bem nisto: Seria caridoso e santo que dessem um pouco da sua Arte ao povo sofredor e bom, que as escutaria, não com os requintes da *Elite*, mas talvez com aquele modo mais valioso ainda, que é ensinado pela verdadeira Vida, a vida anónima composta de esperanças e desalentos.

Paulo Pombo.

CHEGOU a ocasião de os intelectuais revelarem a sua capacidade constructiva meditando nestas palavras de Fidelino de Figueiredo:

«Agora não há um santo Agostinho, nem dispomos duma fé nova, ainda no início da sua evolução criadora, não somos três espíritos que procuramos entender o caos, nem três mil, somos um pequeno exército de homens de pensamento espalhados pelo mundo, em meio do próprio acampamento de bárbaros, e cada um de nós dispõe duma experiência histórica e dum saber positivo muito maiores que os de Agostinho».

— E nestas outras, do mesmo autor:

«Só aos melhores cabe à direcção do mundo, provenham donde provierem, mas a todos cabe o pão sadio e o abrigo higiénico, honradamente ganhos pelo trabalho livre, como todos têm direito à justiça e à cultura que dignificam o homem e o trazem ao nível do seu tempo».

Interpretemos a nossa época e a nossa missão dentro dessa época, porque, se este ciclo é de abalos desconcertantes, não deixa já de haver uma força coordenadora de energias que, partindo de Einstein e passando por Poincaré, Russel e outros, atingiu, já, com Carnap, Schlick, Reichenbach, etc., uma estabilidade crítica fundamental: ESCOLA DE VIENA.

Afonso de Castro Senda.

- Afonso Duarte publicou: «O ciclo do Natal na literatura portuguesa».
- Santana Rodrigues deu à luz da publicidade o livro de que é autor: «A Justiça e a Ciência».
- «As Pobres Suzanas» é o título de um romance da autoria de Manuel de Campos Pereira.
- Por «Edições Presença» foi publicado o novo romance de João Gaspar Simões: «Vida Conjugal» — «Uma história da Província».